

ENTREVISTA COM PROF. DR. SAMILO TAKARA¹:



“Sem Comunicação,
Cultura e Educação
seriam apenas conhecimento
(seja científico, social e/ou no senso
comum)
que não chegam para diferentes pessoas.
Penso que são indissociáveis,
mas não são necessariamente a mesma
coisa.”

Samilo Takara Foto: Arquivo Pessoal, 2024

¹ Professor Adjunto no Departamento Acadêmico de Comunicação (DACOM). Professor Permanente na linha de Formação Docente do Mestrado Acadêmico em Educação (PPGE/MEDUC/UNIR), no Mestrado e Doutorado Profissional em Educação Escolar (PPGEEProf), na linha de Formação de Professores, Trabalho Docente e Práticas Pedagógicas na Educação Básica; e, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na linha de Sujeitos Comunicacionais - Campus José Ribeiro Filho. Atua na Especialização de Gênero e Diversidade na Escola no Campus Rolim de Moura, ambos na Universidade Federal de Rondônia. Doutor e mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/PR (UNICENTRO/PR). Pesquisa as relações entre mídia, educação e as representações de Gênero e Sexualidades em artefatos culturais. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Estudos Culturais e Educação Contemporânea (GEPECEC) e integra a Rede de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação das Regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil e América Latina (RECONAL-Edu). Realizou entre 2017 e 2019 o estágio de Pós-Doutorado júnior em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação na Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR). Tem por foco como o discurso midiático educa acerca das concepções identitárias, sexuais e culturais. Trabalha os seguintes temas: Educação, Mídias, Estudos Culturais, Formação Docente, Pedagogias culturais, Teorizações Foucaultianas, Estudos Feministas, Percepção, Fenomenologia, Sentido e Pornografia.

Revista Comunicação, Cultura e Sociedade (RCCS): Esta edição da Revista Comunicação, Cultura e Sociedade (RCCS) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) busca refletir e compreender as interfaces entre Comunicação e Cultura na contemporaneidade. Um tema que está presente em sua carreira acadêmica e nos projetos acadêmicos desenvolvidos na UNIR e em parceria com outras instituições de ensino brasileiras. Fale sobre o projeto “entre culturas, comunicação e educação” que trabalhou a difusão de imagens como possibilidade de educar a constituição das subjetividades contemporâneas com relação às representações das identidades? Os resultados obtidos até agora possibilitaram fomentar uma educação de qualidade e uma produção de ferramentas para promoção da equidade de gênero e enfrentamento de estereótipos produzidos pelos preconceitos ?

Prof. Dr. Samilo Takara: O projeto de pesquisa Inventidades: entre culturas, comunicação e educação é uma das perspectivas que se alinha ao trabalho do Grupo de Estudos e Pesquisas em Estudos Culturais e Educação Contemporânea (GEPECEC/CNPq/UNIR) em que ocupo a função de líder. Nossos estudos fazem a intersecção entre Educação e Comunicação, pensando os efeitos pedagógicos das mídias, suas possibilidades e suas relações com a produção de subjetividades no contexto contemporâneo. Neste projeto tivemos trabalhos de Iniciação Científica que focaram em analisar os efeitos de suportes midiáticos na difusão e recepção de discursos, imagens e referências que oportunizam processos de subjetivação nos contextos em que analisamos. Embasados pela perspectiva que Stuart Hall (2000, p. 104) ao tratar que identidade é um termo que ele o utiliza “sob rasura”, também compreendemos que os processos de subjetivação seriam relevantes para considerarmos como os contatos com os sistemas de produção e difusão de conteúdos possibilita aos/às usuários/as deixarem marcas de suas identidades nas representações que desenvolvem nos produtos midiáticos, bem como, os efeitos que diferentes discursos e imagens disseminados produzem na constituição de modos de ser, estar e agir no mundo. O projeto nos auxilia para revisitarmos tanto nos campos da formação de professoras/es como na de jornalistas, as potencialidades para trazermos debates e reflexões acerca desses efeitos e as possibilidades de diferentes profissionais das áreas de Comunicação e Educação em refletirem, problematizarem e produzirem perspectivas outras para as produções midiáticas e as atividades pedagógicas no contexto contemporâneo.

Revista Comunicação, Cultura e Sociedade (RCCS): Outros dois projetos importantes são “Comunicar é um fetiche: analíticas midiáticas da produção de subjetividades e sexualidades em Porto Velho (RO)” e “Pedagogias Midiáticas

das Emoções e dos Afetos: Comunicação Contemporânea na Formação Docente”. A partir da perspectiva investigativa dessas pesquisas, descreva os resultados esperados refletindo sobre a relevância da força da comunicação digital na contemporaneidade, especialmente, a influência dos conteúdos comunicados através das plataformas midiáticas. Como os Estudos Culturais e as Pedagogias Midiáticas podem contribuir para uma melhor formação docente voltada para a inclusão e pluralidade?

Prof. Dr. Samilo Takara: Os interesses desses projetos de pesquisa estão vinculados a ideia de que temos pouca ou nenhuma formação para lidarmos com temas que estão vinculados ao campo da Sexualidade e ao entendimento da complexidade de emoções e afetos. Nessa perspectiva, entendemos que o grande campo dos estudos em Sexualidade estão vinculados a compreensão do corpo, do cuidado, da relação afetiva, das trocas e das necessidades de problematizar que a experiência não se reduz a uma prática, mas compreende os afetos, as interações, as compreensões de mundo e o modo como as mídias disseminam representações, valores, compreensões e sentidos que localizam corpos e subjetividades como corretos, incorretos, possíveis ou não de serem amadas/os e desejadas/os. Assim, são proposições para refletirmos os discursos que envolvem a difusão desses temas no cenário midiático contemporâneo e, nessa perspectiva, tentamos problematizar os modos como a cultura e as produções midiáticas no contexto digital pulverizam formas de interpretar o mundo. Assim, podemos pensar sobre a complexidade das emoções e dos afetos, bem como das sexualidades, para compreender que existem pluralidades em diferentes contextos, relações e representações. Desse modo, a formação docente e a formação de jornalistas são atravessadas por reflexões acerca de que temas são presentes no contexto cotidiano, como podemos propor outras perspectivas e de que modo as referências que recebemos das mídias podem gerar problematizações para refletirmos acerca das condições contemporâneas para uma relação menos pautada em sistemas de representação que estão disponíveis e mais nas relações entre as pessoas e seus modos de ler e interpretar o mundo. Um exemplo relevante é como entendemos o discurso amoroso. Pensar sobre o amor é uma forma de compreendermos que não tivemos uma formação para entendermos como esse afeto/sentimento/emoção constitui nossas relações. Entretanto, utilizamos a palavra amor e temos diferentes referências do que devemos pensar e sentir em propagandas, filmes, músicas, livros. Há diferentes pessoas que são especialistas ou não dizendo o que é o amor e o que é o amar. Desse modo, até que ponto esses discursos nos constituem como sujeitos amorosos e até que ponto somos nós que constituímos os sentidos sobre essa emoção/afeto/sentimento/relação? Entendo que é uma questão que não será

resolvida, necessariamente. Talvez também não seja do nosso interesse resolvê-la, mas que ela nos permita pensarmos e refletirmos como estamos utilizando de diferentes elementos para constituir uma concepção sobre os modos como nos relacionamos a partir dos discursos que nos são ofertados pelo contexto midiático em que estamos.

Revista Comunicação, Cultura e Sociedade (RCCS): As Pedagogias Midiáticas também estão presentes no estudo sobre os impactos sobre os corpos na Educação Contemporânea. O francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) observou o corpo como mediador, ou seja, a fenomenologia nos entrelaça, por meio de nossos próprios corpos vivos e pulsantes na vida dos outros. Para o autor a corporificação é um elemento essencial da existência humana, definida como função simbólica. Reflita sobre os sistemas de comunicação multimodais que são desenhados para levar em conta não apenas os pensamentos do usuário, mas também, as emoções do usuário (por exemplo, por meio da computação afetiva).

Prof. Dr. Samilo Takara: Eu discordo da premissa de que o corpo seja uma mediação. Parece, ao assumir essa perspectiva, que estamos chamando de mídia – suporte – algo constitutivo da noção de eu em todos os aspectos. Esse talvez seja o ponto que mais me encanta na obra desenvolvida pelo Merleau-Ponty (1999). Na minha leitura, o autor nos oferece outra perspectiva, porque se somos encarnados no mundo, somos mundo ou, ainda, o mundo constitui-se conosco – em nós, em nossas relações – assim, retomo a compreensão do autor sobre as cores: “[...] minha sensação do vermelho é ‘apercebida como’ manifestação de um certo vermelho sentido, este como manifestação de uma superfície vermelha” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 7). Nessa percepção, penso que o vermelho não é realmente apenas a cor externa ao nosso modo de compreender, mas é – ao mesmo tempo – a forma como constituímos e temos nossas referências produzidas na relação com o vermelho. Assim, o corpo participa e não media apenas a relação. Minha questão com a mediação vem dessa perspectiva que temos do suporte midiático mesmo. Como se pensar a televisão, não fosse pensar também nos modos como constituímos uma linguagem específica que não é apenas o aparelho que transmite – ele constitui como significado este processo. É algo que entendo das provocações que ainda tenho da leitura de Os meios de Comunicação como extensões do Homem, de Marshall McLuhan. Assim, essa leitura também me faz pensar sobre as potencialidades de problematizarmos os efeitos culturais que situam e constituem o corpo – o estilizam em alguma medida e, ao mesmo tempo, geram efeitos – nas formas como nos localizamos na linguagem, nas relações e nas representações que vivemos. A relação com os diferentes suportes também produz um corpo – a comunidade que vivencia hoje

as redes também estão sendo constituídas corporal e subjetivamente pelas mídias e interações que realiza.

Revista Comunicação, Cultura e Sociedade (RCCS): Quais as interfaces entre Comunicação, Cultura e Educação que contribuirão para um melhor futuro próximo da humanidade?

Prof. Dr. Samilo Takara: Entendo que tentar separar Comunicação, Cultura e Educação não me interessam nas reflexões que empreendo nos processos de discussões e pesquisas que desenvolvo. Prefiro pensar em como são afins esses campos a um ponto que tentamos separar de forma didática – e até mesmo científica – com o receio de que se mantivermos a perspectiva da ciência moderna – as áreas – teremos um domínio sobre elas. Não sei se é este meu interesse. Entendo que contribuir para outro futuro – não sei se melhor ou pior – é situar-se nos entres. Sem Educação, Cultura e Comunicação não são apreensíveis. Penso eu que Educação não se refere apenas a escolarização, mas aos modos como aprendemos e ensinamos ou, ainda que nos relacionemos com diferentes conhecimentos no mundo. Sem a perspectiva cultural, Comunicação e Educação correm os riscos de serem empreendidas como salvacionistas ou utilitaristas. Não é necessário pensarmos em eficácia ou ainda em sucesso nesses campos se entendermos que culturalmente produzimos uma complexidade de relações e de trocas e de interações. E sem Comunicação, Cultura e Educação seriam apenas conhecimento (seja científico, social e/ou no senso comum) que não chegam para diferentes pessoas. Penso que são indissociáveis, mas não são necessariamente a mesma coisa. Por isso, aqui retomo minha filiação aos estudos culturais e seu caráter de bricolagem para brincar entre esses campos, propor outras perspectivas e problematizar as condições contemporâneas.

Há muitas questões que ainda me fazem pensar que separar o conhecimento não significa realmente compreendê-lo, mas tentar fazer dele algo que seja apreensível. E, como nos ensina Merleau-Ponty (1999, p. 18, grifos do autor), “estamos ‘condenados ao sentido’, e não podemos fazer nada nem dizer nada que não adquira um nome na história”, talvez seja possível tentar ficar entre os campos. E talvez aí tenhamos um futuro outro. Melhor, não sei, mas talvez menos prometeico e mais relacional.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. (p. 103-133).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. Martins Fontes: São Paulo, 1999.